

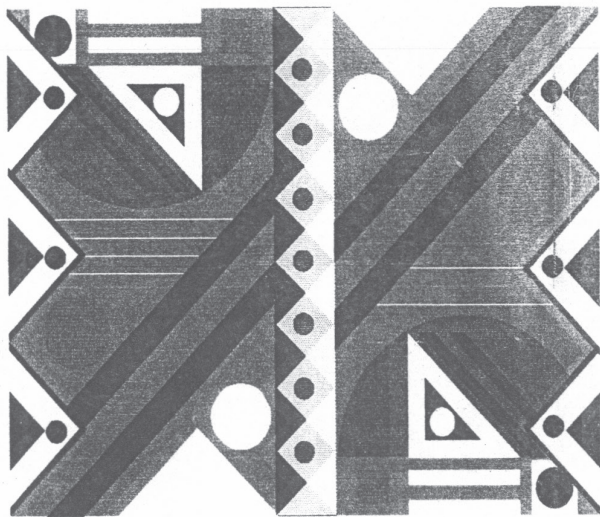
CADERNOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

1

*Equipe Técnica do IPF*

# CURSO DE FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORES

## MÉTODO PAULO FREIRE



São Paulo  
I P F  
1998

FIPF-1098-1N4111/10NAV-08-008



## Instituto Paulo Freire

R. Cerro Corá, 550 - Cj. 22 - 2º andar  
CEP 05061-100 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel.: (55-11) 3021-5536 Fax.: (55-11) 3021-5589  
E-mail: [ipl@paulofreire.org](mailto:ipl@paulofreire.org) Homepage: [www.paulofreire.org](http://www.paulofreire.org)

### I- Apresentação:

(...) "Aprender a ler, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade". (Severino in FREIRE, 1982)

Todo ser humano é um leitor em potencial. Desde os primeiros meses de vida fazemos leituras quando interpretamos aquilo que vemos.

Quando olhamos um objeto na realidade o que vemos não é o objeto em si e sim a leitura que fazemos dele. Essas leituras de mundo são fundamentais na nossa vida na medida em que garantem a sobrevivência e o relacionamento com o mundo que nos cerca.

Tratar a leitura como atividade exclusivamente escolar é, portanto, um erro.

Quando se trabalha com Alfabetização de Jovens e Adultos deve-se respeitar o conhecimento "vivido" e deve-se partir dele para a aquisição de novos conhecimentos e ampliação da visão de mundo. Assim sendo, leitura de mundo e leitura da palavra são categorias indissociáveis. Com base nas palavras de Paulo Freire podemos perceber essa indissociabilidade: (...) "A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (...) De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, para mim, do

processo de alfabetização. Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregados da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que se chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois voltavam a eles inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. A palavra tijolo, por exemplo, se inseria numa representação pictórica, a de um grupo de pedreiros, por exemplo, construindo uma casa. Mas, antes da devolução, em forma escrita, da palavra oral dos grupos populares, a eles, para o processo de sua apreensão e não de sua memorização mecânica, costumávamos desafiar os alfabetizandos com um conjunto de situações codificadas de cuja codificação ou "leitura" resultava a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma

*"leitura da leitura" anterior ao mundo, antes da leitura da palavra" (FREIRE, 1982).*

Através das palavras de Freire podemos perceber a importância das leituras trazidas pelos educandos para a construção de sua aprendizagem.

Qualquer pessoa que se disponha a alfabetizar deve ter isso claro devendo, acima de tudo, reconhecer no alfabetizando alguém que na sua vivência acumulou sabedoria, domínio de formas de sobrevivência, de se relacionar com o mundo, enfim, acumulou cultura e portanto pode e deve contribuir de maneira significativa na construção da metodologia que o fará apropriar-se do código escrito.

A apropriação desse código deverá, porém, ter uma função social que é a inserção do alfabetizando no mundo letrado e conseqüentemente sua introdução nos diversos campos do conhecimento humano, para que ele possa transferir esses conhecimentos para a prática, podendo assim transformá-la.

Essa visão crítica do ato educativo é a base do Método Paulo Freire pois parte da leitura de mundo para a leitura da palavra.

O objetivo desse caderno é relatar alguns procedimentos que auxiliarão o processo de alfabetização segundo o Método Paulo Freire, procedimentos esses que poderão ser utilizados em qualquer contexto ou situação, exigindo somente que tenhamos alfabetizador e alfabetizados numa relação de constante diálogo e interação.

## 2- A Gênese do Método Paulo Freire e sua Concepção Filosófica

A palavra método nos remete à idéia de algo estático, um rol de procedimentos mecânicos prontos para serem utilizados. O sucesso dos resultados apresenta-se sempre relacionado ao fiel cumprimento dos passos.

Diante dessa definição cabe-nos refletir sobre o uso do termo "Método Paulo Freire".

Conhecendo o pensamento freireano constatamos que a palavra método não retrata

com fidelidade a idéia e o trabalho desenvolvido por Freire.

O que hoje conhecemos como "Método Paulo Freire para Alfabetização de Adultos" surgiu com o trabalho realizado por Freire em Angicos (RN) em 1963, na alfabetização de 300 trabalhadores rurais em 45 dias. Esses trabalhadores reunidos em sessões comunitárias denominadas "Círculos de Cultura", sob o acompanhamento de um animador de debates aprendiam a ler "as letras" e o "mundo" e a "escrever a palavra" e também a "sua própria história".

Através de slides contendo cenas de seu cotidiano esses trabalhadores/educandos discutiam sobre o desenrolar de suas vidas reconstruindo sua história, sendo desafiados a perceberem-se enquanto sujeitos dessa história. Nesse contexto era apresentada uma palavra aos educandos - ligada a esse cotidiano e previamente escolhida - e, através do estudo das famílias silábicas que a compunham, o educando apropriava-se do conhecimento do código escrito ao mesmo tempo que refletia sobre sua história de vida.

Até então, nenhuma metodologia aplicada na alfabetização de adultos tinha alcançado resultados tão surpreendentes.

Ao ser exilado pela ditadura militar em 1964, Freire continuou seu trabalho na África e no Chile com resultados altamente satisfatórios.

Diante do conhecimento desses resultados e ansiosos em minimizar o analfabetismo existente no país, "muitos educadores brasileiros adotaram o método e pensaram estar usando-o ao trabalhar com slides ou ao trabalhar em reuniões semelhantes aos círculos de cultura, ou até mesmo ao trabalhar com a silabação.

A simples adoção dessas técnicas não garante, no entanto, a efetiva aplicação da metodologia freireana, uma vez que ela deve ser encarada como uma **maneira de pensar a educação; uma filosofia da educação pautada no diálogo, na criticidade, na conscientização.**" (BARRETO, s.d. pág. 03)

Segundo Freire o ato educativo deve ser sempre um ato de criação, portanto a palavra método na obra freireana deve ser

contextualizada com base nos princípios que lhe dão corpo, consistência, significado, enfim, que lhe dão razão de ser.

Hoje, assim como na sua gênese, o Método Paulo Freire tem como fio condutor a alfabetização visando a libertação. Essa libertação não se dá somente no campo cognitivo mas acontece essencialmente nos campos social e político. O educando é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade enquanto aprende a escrever a palavra sociedade; é desafiado a repensar a sua história enquanto aprende a decodificar o valor sonoro de cada sílaba que compõe a palavra história. Nesse processo dialógico teoria e prática vão se intercalando culminando numa aprendizagem crítica e libertadora.

Portanto, o educador que se propõe a trabalhar com o Método Paulo Freire deve ter clareza de seu papel enquanto propiciador de uma aprendizagem emancipadora.

A linha filosófica do método freireano, pano de fundo de sua concepção pedagógica, deve estar clara a qualquer pessoa que se disponha a alfabetizar através de seu método, reconhecendo a importância da educação enquanto processo de aquisição da autonomia intelectual e social do cidadão.

Cabe a esse educador conhecer o universo vocabular dos educandos, o seu saber traduzido através de sua oralidade, partindo de sua bagagem cultural repleta de conhecimentos vividos que se manifestam através de suas histórias, de seus "causos" e, através do diálogo constante, em parceria com o educando, reinterpretá-los, questionando suas causas e conseqüências bem como suas implicações e repercussões na atual ordem social.

É nesse momento que se cria a necessidade de compreender a realidade do educando, problematizando-a.

Nessa problematização o educador desafia os alunos com questões para que opiniões e relatos surjam. O educando, neste momento, dialoga com seus pares e com o educador sobre o seu meio e sua realidade. Essas discussões permitirão ao educador apreender a visão dos alunos sobre a situação

problematizada para fazê-los perceber a necessidade de adquirir outros conhecimentos a fim de melhor entendê-la.

O conhecimento universal (conteúdo) será apresentado de acordo com essas situações para que o educando perceba que de um lado existem outras visões e explicações para as situações e fenômenos problematizados, e de outro, comparando este conhecimento com o seu, possa utilizá-lo para melhor interpretá-los.

Uma re-admiração da realidade inicialmente discutida em seus aspectos superficiais será realizada, porém com uma visão mais crítica e mais generalizada.

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando e só tem sentido se resultar de uma aproximação crítica dessa realidade.

Assim sendo, "não se admite uma prática metodológica com um programa previamente estruturado assim como qualquer tipo de exercícios mecânicos para verificação da aprendizagem, formas essas próprias da "educação bancária", onde o saber do professor é depositado no aluno, práticas essas domesticadoras. (BARRETO, s.d.: pág. 04). Admite-se, entretanto, a avaliação da prática vivenciada entre educador-educando no processo contínuo de grupo e a auto-avaliação feita em termos dos compromissos assumidos com a prática social.

O relacionamento educador-educando nessa perspectiva se estabelece na horizontalidade onde juntos se posicionam como sujeitos do ato do conhecimento. Elimina-se portanto toda relação de autoridade uma vez que essa prática inviabiliza o trabalho de criticidade e conscientização.

### 3- A Contextualização do Método

Como já mencionamos, toda a obra de Paulo Freire é voltada para uma teoria do conhecimento aplicada à educação, sustentada por uma concepção dialética. Os conteúdos de ensino devem partir do estudo da realidade

(fala do educando), organização dos dados (fala do educador).

Nesse processo surgem os “temas geradores”, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos tradicionais são recusados porque cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é simplesmente transmitir conteúdos específicos mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados de fora é considerado como “invasão cultural” ou “depósito de informações”, porque não emerge do saber popular.

Isso equivale a conhecer o aluno. Conhecê-lo enquanto indivíduo inserido num contexto social de onde deverá sair o “conteúdo” a ser trabalhado.

Dessa forma, o alfabetizador deverá sondar os seus educandos, o espaço onde vivem, a forma de trabalho que têm, seu cotidiano, suas experiências e conhecimentos anteriores para que, a partir daí, possam surgir questões problematizadoras pertinentes à vida desses educandos.

Para isso poderá começar por questões gerais, tais como:

#### 1) Descrição do lugar onde vivem:

##### 1.1) Características da região:

- a) Zona rural
- b) Zona urbana

##### 1.2) Tipos de moradias existentes na região:

- a) Casas de alvenaria
- b) Casas de madeira
- c) Casa comunitárias (favelas, cortiços)
- d) Apartamento

##### 1.3) Tipos de trabalho que predominam na região:

- a) Trabalho agrícola
- b) Trabalho industrial
- c) Comércio
- d) Mão de obra tercerizada

##### 1.4) Meios de transporte mais comuns:

- a) Ônibus
- b) Metrô
- c) Automóveis
- d) Caminhões
- e) Bicicleta
- f) Carroças
- g) Cavalos

##### 1.5) Recursos públicos existentes:

###### a) Escolas:

- Existem em número suficiente ?
- Compreendem quais graus de ensino ?
- Existem cursos de Suplência ?
- Predomina o ensino público ou privado ?

###### b) Hospitais:

- Existem em número suficiente ?
- O atendimento é satisfatório ?
- Os recursos humanos e materiais atendem a demanda ?

###### c) Postos de Saúde:

- São bem distribuídos nos bairros ?
- O atendimento é satisfatório ?
- Existe infra estrutura adequada para o atendimento ?

###### d) Segurança:

- A região conta com bom atendimento na área de segurança ?
- A população se sente protegida ?
- O grau de violência na região é significativo ?

Esses são, portanto, exemplos de questões que podem ser levantadas durante o primeiro momento ao qual poderemos chamar

de momento problematizador ou estudo da realidade.

É importante ressaltar porém que o estudo da realidade não se limita à simples coleta de dados e fatos, mas deve, acima de tudo, perceber como o educando sente sua própria realidade superando a simples constatação dos fatos, isso numa atitude de constante investigação dessa realidade.

Esse mergulho na vida do educando fará o educador emergir com um conhecimento maior de seu grupo-classe, tendo condições de interagir no processo ajudando-o a definir seu ponto de partida que irá traduzir-se no **tema gerador geral**.

Através do tema gerador geral é possível avançar para além do limite de conhecimento que os educandos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente.

Do tema gerador geral deverão sair as **palavras geradoras**.

Cada palavra geradora deverá ter a sua ilustração que por sua vez deverá suscitar novos debates. Essa ilustração (desenho ou fotografia) sempre ligada ao tema, tem como objetivo a "codificação", ou seja, a representação de um aspecto da realidade.

Podemos, portanto, seqüenciar a aplicação do método com a adoção de momentos distintos porém não estanques pois estão interdisciplinarmente e dialeticamente entrelaçados, a saber:

1º Momento: **Investigação Temática:** investigação do universo vocabular e contexto social do educando (Estudo da Realidade)

2º Momento: **Tematização:** seleção dos temas geradores e palavras geradoras. Através da seleção de temas e palavras geradoras, realizamos a codificação e decodificação desses temas buscando o seu significado social, ou seja, a consciência do vivido.

3º Momento: - **Problematização:** - busca da superação da primeira visão ingênua por uma visão crítica, capaz de transformar o contexto vivido

Após a etapa de investigação (estudo da realidade), passa-se como mostra o esquema acima à seleção das palavras geradoras, que deverá obedecer a dois critérios básicos:

- Elas devem necessariamente estar inseridas no contexto social dos educandos.
- Elas devem ser selecionadas de maneira que sua seqüência englobe todos os fonemas da língua, para que com seu estudo sejam trabalhadas todas as dificuldades fonéticas.

Essa seleção deve ser conjunta, cabendo porém ao educador a seleção gradual das dificuldades fonéticas, uma vez que o método é silábico.

Os fonemas trabalhados numa aula deverão ser registrados numa ficha ou no próprio caderno para que o educando, em casa, seja desafiado a construir novas palavras (uma vez que algumas já foram criadas pelo grupo), comparar com as já criadas, descobrindo semelhanças e/ou diferenças entre elas.

Nesse processo de construção de novas palavras, leitura e escrita acontecem simultaneamente.

O educador deve chamar a atenção do educando com relação ao "desenho" de cada letra, permitindo e sugerindo comparações: a diferença entre o desenho da letra B e o da letra P, é que o B tem duas "barrigas" e o P tem uma só. Esse tipo de comparação assim como qualquer outro detalhe que facilite a identificação da letra pode ser usado para fixar sua grafia.

É importante também que o educador mostre aos educandos a articulação oral dos valores das vogais nos fonemas para facilitar o reconhecimento sonoro de cada uma das vogais.

Para explicitar melhor como podemos utilizar a metodologia freireana vamos imaginar uma situação em sala de aula. Para isso vamos seqüenciar nossos passos a partir da definição do tema gerador geral. A expressão **tema gerador geral** está ligada à

idéia de Interdisciplinaridade e está presente na metodologia freireana pois tem como princípio metodológico a promoção de uma aprendizagem global, não fragmentada. Nesse contexto, na expressão tema gerador geral está subjacente a noção holística, capaz de promover a integração do conhecimento. Do tema gerador geral sairá o recorte para cada uma das áreas do conhecimento ou, no nosso caso, para as palavras geradoras. Portanto, um mesmo tema gerador geral poderá dar origem à várias palavras geradoras que deverão estar ligadas a ele em função da relação social que os sustenta.

Vamos imaginar que após os passos iniciais do processo tenha-se chegado ao tema gerador geral: **Desemprego** e dentro desse tema as seguintes palavras geradoras: **fome, dívida, emprego, salário, dignidade, sobrevivência, miséria, etc.**

De posse do tema gerador geral algumas questões poderão ser colocadas com o objetivo de despertar a consciência crítica do educando, questões como:

- O desemprego nos grandes centros urbanos e sua relação com a violência.
- O subemprego como forma de exploração do trabalho humano.
- A substituição do homem pela máquina com o surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias.
- O trabalho como garantia de dignidade e sobrevivência.

Através da ilustração do tema (um cartaz que mostra pessoas paradas na porta de uma fábrica diante de uma placa escrita: **Não há vagas**) o educador poderá animar o debate com questões como essas:

- O que vocês estão vendo neste cartaz ?
- O que vocês acham que essas pessoas estão fazendo aí ?
- Esse cartaz diz que “não há vagas”. Nós temos vivido situações como esta no nosso dia-a-dia ?
- Na opinião de vocês, quais são as causas da alta taxa de desemprego no Brasil?
- Você conhece algum programa de assistência ao desempregado?

Através de questões como essas o educador levará o educando a refletir sobre as causas e conseqüências do desemprego. Essa reflexão fará com que perceba que o desemprego faz parte de um sistema maior que é a política econômica do país que atende a interesses específicos de uma classe social que evidentemente não é a sua. De posse dessa consciência não mais ingênua, mas crítica, o educando terá condições de estabelecer relações e perceber que a sua situação de desprivilegiado não é uma condição da vontade divina mas fruto desse contexto sócio econômico e assim sendo percebe que fazendo parte desse sistema pode nele atuar com vistas a sua superação.

A esse processo chamamos “**decodificação**”\_que consiste na análise, ou melhor, na leitura da realidade apresentada através da ilustração.

Após esse período de problematização, que é fundamental no processo, o educador poderá começar o trabalho de decodificação do código escrito através da apresentação de uma palavra que poderá ser qualquer uma das levantadas no momento da problematização, de preferência uma palavra formada por sílabas simples, num primeiro momento.

Tomaremos como exemplo de palavra geradora a palavra **dívida**.

Para a melhor compreensão do processo de alfabetização através dessa palavra geradora, poderemos seqüenciar os passos utilizados pelo alfabetizador no seu estudo propriamente dito.

1º Passo: Apresentação de um cartaz com a seguinte ilustração: um pai de família sentado em uma mesa em sua casa fazendo contas com expressão de preocupação. Acima da ilustração a palavra **DÍVIDA** em negrito e em letra bastão ( a passagem da letra bastão para a cursiva deverá ser trabalhada na pós alfabetização ).

O alfabetizador deverá explorar o contexto social da gravura com questões como essas:

- O que este homem está fazendo ?

- Sua expressão é serena ?
- Quais as possíveis causas de sua preocupação?
- Você já viveu alguma situação assim ou semelhante ?

2º Passo: Passagem do enfoque da gravura, da cena em si, para o enfoque da palavra escrita acima. O alfabetizador deverá chamar a atenção do educando para a palavra, lendo-a pausadamente, por várias vezes, primeiro como um todo e depois silabicamente.

3º Passo: Apresentação de um novo cartaz contendo a palavra inteira, dividida em sílabas e seus desdobramentos ou sua escrita na lousa.

O alfabetizador deverá ressaltar que o todo tem suas partes, ou seja, que ele é constituído por “pedaços” e que a esse pedaços dá-se o nome de “sílabas ou fonemas”.

A leitura silabada deverá ser realizada, a princípio, pelo alfabetizador nas diferentes posições possíveis: horizontalmente, verticalmente e diagonalmente.

O cartaz poderá ser assim apresentado:

**DÍVIDA**  
**DÍ-VI-DA**  
**DA-DE-DI-DO-DU**  
**VA-VE-VI-VO-VU**

Após a leitura pelo alfabetizador da palavra e seus desdobramentos, os educandos deverão repetir a leitura a fim de familiarizarem-se com o valor sonoro de cada fonema. Essa repetição não deverá, porém, ser um ato mecânico, esvaziado de sentido, mas deve ser encarado como um namoro, uma aproximação mais íntima com o objeto estudado.

O alfabetizador deverá trabalhar as vogais como partes constitutivas das sílabas que, por sua vez, são partes constitutivas das palavras. Poderá enfatizar que a mudança da vogal implicará em mudança de som, mostrando em cada desdobramento que a primeira letra não muda, mas a mudança da

segunda altera o valor sonoro do fonema. Ex.:

**DA- DE- DI- DO- DU**

De posse do conceito de sílaba, o educador deverá explicar que as sílabas pertencem a uma família que no exemplo adotado são

**DA DE DI DO DU**  
**VA VE VI VO VU**

A articulação entre as sílabas forma a palavra e essa articulação poderá se dar de diferentes maneiras, formando diferentes palavras.

Exemplos:

**DA DE DI DO DU**  
**VA VE VI VO VU**  
**DADO VIDA VIVO**  
**DÚVIDA**  
**DEDO DEVO VEDADO**  
**DAVI**

O próprio aluno, de posse do valor sonoro de cada sílaba, irá articulando essas sílabas, descobrindo novas palavras. Diante da timidez dos educandos o educador poderá criar algumas palavras com o objetivo de motivá-los.

Após esse trabalho em grupo o alfabetizador deverá oferecer ao educando a “Ficha de Descoberta”, que consiste em uma ficha semelhante ao cartaz apresentado contendo todos os desdobramentos, ficha essa que servirá como chave na elaboração individual de novas palavras, Ex.:

<b>DA-DE-DI-DO-DU</b>	
<b>VA-VE-VI-VO-VU</b>	

Várias atividades deverão ser oferecidas aos alunos para que ele se familiarize com a família silábica da palavra apresentada. Essas atividades poderão ser:

- Formação de palavras a partir de uma sílaba apresentada.

Exemplo:



- Preenchimento de lacunas:

VI__	DE__	DÚ__DA	DÍ__DA	DA__
------	------	--------	--------	------

- ordenação de sílabas:



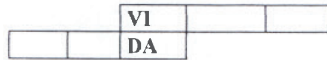
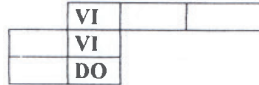
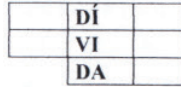
- Relacionar palavras com os seguintes números de sílabas ( comando oral ):

1 Sílaba 2 Sílabas  
 3 Sílabas

VÁ	DADO	VEDADO
VI	VEDA	DÚVIDA
DA	VEDA	VADIO
	DEDO	VIVIDO
	DUDA	DÍVIDA

VÊ	DUDA	DÁDIVA
	VIDA	DÚVIDA
	DAVI	VEADO
	DIVA	
	VIVI	

Palavras cruzadas:



- Jogos  
 -Quebra Cabeça  
 -Dominó
- Ditado

Obs.: No ditado, assim como nas demais atividades, o educador deverá levar em conta a hipótese de escrita do educando. Isso implica em não considerar o erro como negativo e sim como ponto de partida para o acerto.

O educando constrói mentalmente a sua hipótese de escrita e seja ela qual for deve ser respeitada e vista como referencial para subsidiar o educador no sentido de fazê-lo perceber onde ele deve intervir. Essa intervenção deverá se dar sempre através da reescrita pelo próprio aluno com a cooperação de seus pares e do educador.

Após trabalhar as sílabas separadamente, o educador deverá enfatizar a noção de todo resultado da combinação das sílabas, que é a palavra.

A partir daí poderá trabalhar a articulação das palavras resultando em frases, orações e pequenos textos. Para isso ele poderá sugerir aos educandos a criação de um texto coletivo com as palavras conhecidas, sempre ligada ao tema gerador geral.

Com base na palavra tomada como exemplo pode surgir um texto como este:

**A VIDA DE DAVI É DE DÍVIDA E DÚVIDA.**

**DIVA DÁ VIDA A DAVI.**

**A DÁDIVA DE DAVI É A VIDA DE DIVA.**

Um texto como esse, embora limitado quanto ao universo linguístico pode, por sua vez, levar os educandos a refletirem sobre temas como a solidariedade, companheirismo, afeto, amizade, sentimentos indispensáveis à vida de quem já sofre o desprezo, a indiferença e o descaso das elites responsáveis pela política econômica causadora da desigualdade social.

Esse trabalho de conscientização deve caminhar junto com a aprendizagem do código escrito, mas não paralelamente pois a todo momento devem se cruzar, resultando em saltos qualitativos no tocante a ampliação da leitura de mundo que esse educando tinha no início do processo em comparação às leituras que faz no decorrer do processo.

Após o trabalho com a palavra **DÍVIDA**, outras palavras deverão ser trabalhadas, seguindo sempre os procedimentos acima citados. A ordem das palavras selecionadas não deverá, porém, ser dogmatizada, obedecendo rigidamente a um planejamento prévio. Um fato novo, de repercussão social abordado em jornais, revistas televisão, ou mesmo no contexto comunitário dos educandos poderá suscitar novos questionamentos e conseqüentemente novas palavras poderão ser levantadas. O alfabetizador, nesse caso, deverá seguir o curso natural, sem se amarrar a uma seqüência "fechada", sem se atrelar a uma visão de conteúdo pronto, acabado, estático.

Na medida em que outras palavras vão sendo trabalhadas, surgem textos mais complexos em nível fonético e ortográfico e a sistematização da ortografia se fará necessária, uma vez que a aquisição da norma culta é fundamental pois permitirá ao educando a sua inserção no mundo letrado e o acesso aos diferentes instrumentos de transmissão do conhecimento. Essa sistematização ortográfica não deverá, porém, ser priorizada em detrimento da mensagem.

A coesão textual e a correção gramatical serão alcançadas, na medida em que o educando assimilar os esquemas de construção do processo de leitura e letramento.

#### **4- Alfabetização de Adolescentes sob a Ótica Freireana**

Temos constatado, com pesar, a existência de um grande número de adolescentes e jovens não alfabetizados em função da necessidade de trabalhar para prover o seu próprio sustento e o de sua família. Esse contingente, desprovido de seu direito fundamental que é o direito à escolaridade básica, não pode continuar alijado do processo educativo, excluído do mundo letrado e conseqüentemente da possibilidade de êxito profissional e humano.

O educador comprometido com a superação dessa realidade e que se dispõe a trabalhar com essa faixa etária deve enxergar a alfabetização de jovens e adolescentes sob uma ótica diferente em relação trabalho com adultos.

O adolescente com sua linguagem própria, seu dinamismo e curiosidade requer do alfabetizador uma abordagem metodológica diferenciada.

A identificação com esse dinamismo, a predisposição em aceitar a postura irreverente, são fatores fundamentais na relação alfabetizando-alfabetizador na alfabetização de jovens e adolescentes.

O conhecimento do universo vocabular, todo marcado por gírias e expressões próprias, principalmente em se tratando de jovens e adolescentes dos grandes centros urbanos é, portanto, o ponto de partida para o início do trabalho. No entanto não é somente conhecer esse vocabulário mas, acima de tudo, esse conhecimento deverá estar isento de preconceito para se evitar a discriminação dessa linguagem.

A seleção das palavras geradoras não poderá ser imposta sob a alegação de que expressões populares ou gírias por não fazerem parte da norma culta, não são referenciais legítimos para o início da

alfabetização. Pelo contrário, elas podem e devem ser exploradas tanto do ponto de vista lingüístico como social e cultural.

O processo de leitura de mundo e letramento seguem os mesmos passos adotados na alfabetização de adultos, diferindo apenas na dinâmica do trabalho que deverá privilegiar a ludicidade e a musicalidade.

Essa dinâmica requer, porém, do alfabetizador uma postura "aberta" no sentido de encarar a participação dos educandos, que às vezes é exacerbada por conta da estrutura psicológica e etária, como uma participação legítima e necessária na construção de sua aprendizagem.

O processo de obtenção do tema gerador seguirá os mesmos passos já citados, ou seja, a pesquisa do universo vocabular, o conhecimento da comunidade onde está inserido o educando, a problematização com vistas à superação do senso comum e consciência ingênua, enfim, todos os passos já mencionados.

O que vai marcar efetivamente a diferença é a especificidade das palavras geradoras e a dinâmica dos encontros.

O educador poderá lançar mão de estratégias não muito convencionais mas que certamente alcançarão os objetivos desejados. Uma dessas estratégias poderá ser o trabalho com grafiteagem ou pichação, com o estudo das letras usadas pelos pichadores e grafiteiros, que têm um traçado totalmente diferente do convencional, e que desperta no jovem adolescente um grande interesse. O educador poderá trabalhar a questão social do pichação, questionando seu valor enquanto arte ou mesmo a sua utilização como forma de contestação social e política; a poluição visual que ela traz e os perigos a que são submetidos os seus adeptos na tentativa de superar seus adversários na busca da pichação mais "radical".

Assuntos como violência nos grandes centros urbanos, gangs de rua, e outros temas relacionados a eles poderão ser trabalhados com jovens e adolescentes.

Diversos materiais poderão ser usados, entre eles revistas em quadrinhos, jogos de

quebra cabeça confeccionados pelos próprios alunos, jornais, revistas, letras móveis, dominó de sílabas, etc.. A confecção do material pedagógico pelo próprio educando é uma prática que deve ser estimulada.

O trabalho com música poderá ser desenvolvido, tanto no estudo da construção poética, semântica das letras já existentes, quanto na criação de novas letras de música. Um estilo de música muito propício a esse tipo de trabalho é o RAP, por trazer em si uma temática social e pela musicalidade que não requer construções muito elaboradas.

Enfim, alfabetizar jovens adolescentes através da ótica freireana é tanto possível quanto necessário, garantindo uma prática criativa, contextualizada e altamente emancipadora.

## 5- Considerações Finais

Alfabetizar um adolescente, jovem ou adulto é uma tarefa que demanda o conhecimento que "ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo" (FREIRE).

Assim sendo a visão de aluno enquanto tábula rasa, depósito de informação, assim como a visão de professor enquanto ser supremo, onisciente, não encontram suporte na concepção de educação pensada por Freire.

Cabe ao educador alfabetizador, seja ele um especialista ou não, a tarefa de organizar situações estimuladoras de aprendizagem e fazer uso delas para promover uma alfabetização crítica, libertadora portanto humanizante.

Para isso, essa alfabetização deverá ser mediada pelo afeto, pelo respeito à cultura do educando. Uma educação que avance além dos limites geográficos, sociais e econômicos e alcance homens e mulheres dignificando-os, libertando-os de rótulos e estigmas, pelo educador comprometido com a elevação cultural e social de seus educandos.

## BIBLIOGRAFIA

BARRETO, José Carlos. *Educação de Adultos na Ótica Freireana*. Vereda-S.P., s.d. (mimeo)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Método Paulo Freire?* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.

FERREIRA, Maria José Vale. *Concepções de Educação*. São Paulo, SME, 1989.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Editora Cortez, Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra S/A, 1988.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo, Ed. Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. *Paulo Freire, uma biobibliografia*. São Paulo, Ed. Cortez/IPF, 1996.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Tecnologia, Educação e Democracia*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S/A, 1965.

## Equipe Técnica do IPF

Adriano Nogueira, Alice Akemi Yamasaki, Ana Maria do Vale Gomes, Ângela Antunes Ciseski, Antônio João Mânfió, Bianco Zalmora Garcia, Custódio Gouvea da Matta, Débora Mazza, Eliseu Muniz dos Santos, Genoino Bordignon, Izabel Cristina Petraglia, João R. Alves dos Santos, José Eustáquio Romão, José Rubens Lima Jardimino, Júlio Wainer, Maria de Lourdes Melo Prais, Maria Isabel Orofino Schaefer, Maria Leila Alves, Maria Lucinete de Carvalho Silva, Maria Luiza Peixoto Ferreira, Misael Geraldo Souza Camargo, Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha, Regina Elena Pinto Ribeiro, Reinaldo Matias Fleuri, Sônia Couto Souza Feitosa, Valdete A. Melo.



### **Instituto Paulo Freire**

Rua Cerro Corá, 550 - Cj. 22 - 2º and.

05061-100 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: (011) 3021-5536 Fax.: (011) 3021-5589

E-mail: ipf@paulofreire.org Home Page: www.paulofreire.org